

ENTREVISTA

Por Regina Ivete Lopes

Ele é um talento. Pianista, arranjador, compositor e multiinstrumentista, iniciou-se na música aos 5 anos de idade e aos 10 anos já tocava profissionalmente nos bailes em Ribeirão Preto-SP. Seu trabalho como compositor é requisitado pelos mais importantes grupos orquestrais e de câmara do país, entre eles a Osesp, a orquestra da USP, o Quinteto Villa-Lobos. Como instrumentista, já gravou com Joyce, Milton Nascimento, Dori Caymmi e outros renomados artistas da MPB. Estamos falando de André Mehmari, um jovem virtuose, detentor de vários prêmios e que, aos 29 anos, é considerado uma das maiores revelações da música brasileira. De passagem por Brasília, André visitou a Livraria MusiMed e concedeu-nos entrevista na qual fala de sonhos, de planos e do prazer de viver da música e para a música.

Qual que é o sonho de um jovem instrumentista e compositor, assim, tão promissor?

Bom, os sonhos, a gente sempre tem novos. Eles é que mantêm a gente vivo, né? Na verdade, a gente realiza um, e o outro já está na sequência, esperando a vez. Mas, num aspecto mais amplo, meu sonho é deixar uma obra que fique, que tenha um papel no meu país, que marque a nossa história de música.

Você, ainda tão jovem, já tem um nome respeitado. É verdade que você só se popularizou depois do lançamento do disco Piano e Voz com a Ná Ozzetti?

É... Eu acho que teve dois momentos propulsores na minha carreira. A primeira vez foi quando eu venci o prêmio Visa em 1998 (até então, eu era absolutamente desconhecido). Mas, de fato, o disco com a Ná marcou um segundo momento de exposição. Fui apresentado a um público mais amplo, que a partir daí se interessou em conhecer trabalhos anteriores.

Mas você já tinha um trânsito no meio erudito, né? Como abriu caminho?

Bem, essas coisas a gente nunca sabe realmente como acontecem, mas um fala com o outro e assim vai. Em São Paulo, eu sempre tenho encomendas de composições e arranjos pra grupos como a Osesp, a Orquestra Experimental de Repertório, a Banda Sinfônica, que é um grupo que sempre me convidou desde 1999. E não tem muita gente escrevendo pra orquestra, essa é a verdade. E eu tive uma certa constância nas encomendas que foram me instrumentando, de uma certa forma, pra compor e escrever mais.

Isso de receber encomendas, como funciona? A pessoa dá alguma sugestão de tema, de estilo ou você tem liberdade absoluta pra compor?

Varia muito. A Osesp, por exemplo, me pediu uma composição para o concurso de regência internacional. Aí eles me deram um limite de tempo e a exigência era que fosse uma peça para orquestra grande, completa e moderna. Daí eu vim com a idéia de fazer uma suíte de danças que pudesse ser um desafio para os regentes. E sabendo que eu tinha uma orquestra fantástica na mão, caprichei na caneta (risos). A peça acabou sendo incluída na programação oficial.

E você gostou da interpretação que os candidatos deram à peça?

Não. Durante o concurso poucos acertaram os



andamentos, enfim... Mas era uma peça de difícil leitura e eles receberam a partitura um dia antes. Acho que eles me xingaram bastante porque minha orelha ficou quente (risos).

A gente estava falando do seu trânsito no meio erudito. Você acha que o Brasil é ingrato com o músico de formação erudita? Que não valoriza o trabalho?

É. Eu acredito que o músico se sente um pouco desamparado, assim, né? Porque hoje, ele se filia ou a um grupo orquestral, ou à vida acadêmica, dando aula numa universidade. Enfim, as opções são poucas. E realmente eu acho que não corresponde à musicalidade do país, que é tão musical.

A que você atribui isso? À falta de cultura musical do povo brasileiro? À falta de apoio do governo? À mídia?

É. De uma certa forma, essa música está dissociada da grande mídia. Ela sobrevive quase que à margem. Falta música nas escolas, né? Eu acho que isso pode ser uma raiz do problema (não a única). A educação musical iria causar um interesse muito maior nas crianças, despertar nas pessoas a curiosidade em conhecer o grande repertório e preparar ouvidos pra ouvir e entender. Você não pode ficar só no aspecto sensorial da música. Uma composição tem um aspecto formal que a sustenta e que você precisa saber para entender o que está acontecendo ali. Na verdade, a instrução musical básica é uma carência aqui no Brasil.

Como músico, qual é a sua reclamação?

É que a mídia de massa não bombardeasse e não sacrificasse tanto o nosso público com música ruim, que não subestimasse a capacidade dele tanto assim. Você liga a tevê e é lixo, lixo. Tudo bem ter um entretenimento barato, ali, pra pessoa se divertir, mas faz falta a exposição de um trabalho de qualidade, enfim, pra ela poder escolher. O povo não tem a possibilidade de escolha, entendeu?

Você consegue se dedicar exclusivamente à música?

Sim. Eu vivo da música. Comecei como músico profissional aos 10 anos de idade tocando em

bailes em Ribeirão Preto. Depois conheci um gênero mais jazzístico de improvisação que me atraiu muito, aí comecei a tocar em casas de jazz, também. Na época, eu ganhava algum dinheirinho, mas não me sustentava. Quando me mudei pra São Paulo, aos 17, 18 anos, foi que tive o grande desafio de sobrevivência. Me calcei financeiramente compondo trilhas pra publicidade, que eu fazia com uma velocidade bastante grande. Com esse dinheiro, não só me sustentei como consegui me patrocinar. Comprei meu piano, montei meu estúdio... E hoje em dia já digo que me sustento da produção que eu assino e, dependendo da época, como intérprete. Eu vim de uma turnê com a Ná, em que eu tive uma agenda muito intensa. Mas isso não é uma coisa regular.

Atualmente você faz algum trabalho que não dá prazer, mas que ajuda a sobreviver?

Pouco, felizmente. Eu já fiz muita publicidade, como eu disse. E dentro da publicidade, com 90% dos trabalhos você não se identifica. Mas, coisas assim que eu acho ultrajante de fazer eu não faria. Campanha de cigarro, nunca fiz. Pra política, também não. Só fiz de carro, toquei em casamentos. Hoje em dia, eu trabalho pra uma única produtora e faço muito esporadicamente trilhas pra publicidade. E isso é um fixo que me garante. Mas, eu tenho, cada vez mais, conseguido equilibrar a balança pra um trabalho autoral. Eu não dou aulas. Uma vez ou outra eu faço oficinas. Agora mesmo, em janeiro, estou indo pra Curitiba.

Além do piano, toca outros instrumentos?

Além do piano, que eu tenho, de longe, o maior domínio técnico, eu toco viola, que adoro, como segundo instrumento. O contato com a viola me deu uma técnica de escrita pra cordas que eu não teria através dos livros, eu acho.

Todo instrumentista carrega o seu próprio instrumento, com exceção do piano ou da harpa... Essa coisa de tocar cada vez num piano diferente, isso é ruim, né?

Ah, isso é um dilema na vida do pianista, principalmente no Brasil que tem pouquíssimos pianos bons, e no meu caso, muitas vezes sou proibido de tocar num piano bom porque faço uma música que não é de concerto e daí existe um preconceito terrível. Muitas vezes há um piano Steinway fantástico que fica reservado pro repertório de concertos, daí eu não tenho acesso. O pianista tem que ter uma capacidade de adaptação muito grande porque ele encontra de tudo, é uma verdadeira aventura (risos)... É o peso, o equilíbrio, uma tecla que não toca e prende... Uma vez fui com a Ná fazer um concerto na Paraíba, e o piano estava sendo carcomido por cupins e que iam nos atacando ao longo da apresentação (risos). Os cupins estavam consumindo a tábua harmônica do piano, num estágio avançado. E outra vez, eu cheguei a colar chumbinho no abafador de um piano pra que ele descesse. Nem a força da gravidade colaborou. Conte com a ajuda do superbonder e de um parafuso... Ajustado, então... Eu sempre levo a minha chave de afinação.

Você interpreta, compõe, faz arranjos... O que lhe dá mais prazer?

Olha, graças a Deus, eu recebo inspiração de

ENTREVISTA *Continuação...*

volta de todos esses campos de atuação musical. Quando uma composição minha é bem executada, isso é um momento de extrema felicidade pra mim, porque é o culminante de um longo trabalho. Ao mesmo tempo, quando estou ali tocando é um outro tipo de alegria e de convívio com a música. Na verdade, eu me divirto à beça tocando no piano. Toco com uma espontaneidade que me garante não ter aquele aspecto tenso do músico que não pode esbarrar uma nota que acabou o mundo. Ao mesmo tempo, trato a música com rigor e seriedade. Acho que a minha relação com a música é bastante saudável.

Você improvisa muito, né? Aliás, qual é a diferença entre improvisação e variação?

Eu acho que uma boa improvisação sobre um tema é uma boa variação sobre aquele tema. Eu adoro variações. É um gênero que exploro já há bastante tempo. Acho que é um dos gêneros mais comunicativos da música porque tem um objeto de brincadeira. Você expõe uma idéia e depois explora os vários aspectos dessa idéia, enfim, toca de ponta cabeça. Recentemente compus um concerto pra Banda Sinfônica do Estado de S. Paulo em homenagem ao ano Mozart, chamado *Cherubino Piano Concerto*, baseado nas árias de Cherubino da ópera *As Bodas de Fígaro*, em que eu improvisava cadências que é uma prática que foi sendo perdida um pouco.

Você praticamente não precisa de partitura, já que gosta de improvisar...

A minha música - essa música, por exemplo, que apresentei na Funarte, não está anotada com rigor. A improvisação foi central. Uma anotação, nesse caso específico, seria limitador. Seria como congelar um momento. Cada apresentação que faço é uma recriação. O prazer está na recriação constante. Não que eu não faça coisas de notação escrita e fechada, é outra coisa. *Variações Villa-Lobos*, por exemplo, que gravei recentemente com um trio de palhetas, está tudo anotado: a dinâmica, as articulações, as orientações de caráter, tudo. Mas quando eu toco piano, gosto de deixar aberto para eu mesmo poder recriar aquela música.

A arte de improvisar deve ser uma boa escola para composição, né?

Pra mim foi uma bela escola que eu adotei. Eu geralmente tocava uma peça de um grande compositor e depois me propunha a improvisar no estilo de tal e tal compositor. Ainda faço esse exercício. Isso está presente no meu trabalho em vários aspectos. Em alguns arranjos pra Ná Ozzetti, por exemplo, eu fiz umas menções Scarlattianas. Aliás, nunca estudei composição. Sou autodidata. Aprendi ouvindo e analisando milhares de partituras de orquestra. Passei muitas madrugadas pendurado no fone de ouvido. Nunca li um tratado de orquestração, foi estudando grandes obras do repertório que eu adquiri um gosto por uma orquestração própria também.

Pra compor, você usa computador ou escreve no papel?

Eu componho em todo lugar onde a composição nasce. Às vezes eu trabalho no computador, com o papel do lado. Então, escrevo lá uma redução pra piano, por exemplo, e depois orquestro diretamente no computador. Atualmente, acho que ninguém mais da minha geração escreve no

papel. O copista vai ter que procurar outro trabalho (risos).

Como você cria? A música lhe vem automaticamente à cabeça ou você a procura dedilhando nas teclas?

Das duas maneiras. Depende do que eu estou fazendo. Na verdade, compor ao piano muitas vezes tem o elemento idiomático do piano que passa pra composição e isso pode não ser bom. Pra orquestrar, faço diretamente no computador porque é o mais rápido. Mas tem coisas que eu realmente penso no piano, rabisco no papel e depois passo pro computador.

Como você se inspira pra compor? Se você ouviu alguém cantarolando um tema qualquer, isso inspira?

Raramente. O que me inspira é ter uma formação instrumental que me remete a um repertório querido, que me leva a um tema, e uma coisa me liga à outra numa cadeia de associação que eu arquivou e que é o que amarra tudo. Uma encomenda também é sempre uma inspiração. Mas, a verdade é que a própria música inspira. O convívio com a música é inspirador. Eu não tenho uma idéia muito romântica da inspiração, por exemplo: uma bela paisagem não me faz a menor diferença pra compor. É aquilo que o Stravinsky falava, compor é 90% de transpiração.

Alguns compositores lhe influenciaram? Segundo o Bohumil, no seu concerto na Sala Funarte ele sentiu alguma coisa de Stravinsky na sua interpretação...

É. Stravinsky é um grande ídolo meu. Estudei a obra completa dele. Eu acho que de tanto estudar as partituras dele (que eu tenho todas) assimilei um pouco. Acho que já entrou no meu sangue. Mas isso também varia, por exemplo: como esse ano foi o ano Mozart e o ano Shostakovich, recebi encomendas para trabalhar com obras deles.

Como é que a música entrou na sua vida? Você vem de família musical?

Não venho de família de músicos, mas a minha mãe é musicista profissional. Ela me introduziu a esse ambiente musical. Lá em casa, a gente ouvia música muito diversificada, sem preconceitos, sem regras e ela cantava, tocava acordeom, violão, piano, então eu já tinha uma visão multiinstrumentista.

Qual é, exatamente, a sua formação? Você fez faculdade de música?

Bom, eu me formei em piano na USP, mas antes, eu já tocava profissionalmente. A música sempre foi muito forte pra mim. Desde os 11 anos, eu já sabia que a música seria a minha vida, e já na mesma época, surgiam os conflitos familiares porque queriam que eu tivesse uma "profissão", que eu fosse um doutor. Eu entendo a preocupação deles, a gente conhece as dificuldades - não é fácil, mas eu sabia que a minha relação com a música era tão forte, que eu não sobreviveria sem ela. Então, desde cedo batalhei muito, eu quis provar pra minha família que eu podia sobreviver de música. No primeiro ano de São Paulo eu já me sustentava.

Como foi seu início em S. Paulo? Você tinha algum ponto de apoio ou chegou com a cara e a coragem?

Eu tive um ponto de apoio, sim, que foi muito importante. No primeiro ano, felizmente, eu fiquei na edícula da casa de um primo, depois fui morar sozinho. No meio musical, tinha o maestro Gil Jardim, professor de percepção na USP, que já me conhecia do Festival de Campos do Jordão, e já tinha notado que eu tinha um talento especial. E daí, ele me apresentou aos músicos e, enfim, um apresenta ao outro... Mas até o Prêmio Visa, em 1998, eu tocava muito pouco. Eu, praticamente, só escrevia.

E hoje você é uma sumidade. Isso aumenta a sua responsabilidade?

Pode-se dizer que sim, mas ao mesmo tempo, mesmo antes dos holofotes, eu sempre fui muito responsável com a música. Na verdade, a minha relação com a música é muito profunda e tudo que a gente ama a gente cuida muito bem, né? Então, desde que eu decidi que a música seria a minha voz, a responsabilidade é a mesma, não aumenta nem diminui.

Mas a cobrança aumenta, né? A crítica, por exemplo, como você lida com ela?

Bom, eu não sei. Até hoje eu só tive críticas muito positivas... Mas eu acho que se a crítica tiver fundamento a gente vai escutar e aquilo servirá de combustível para um aprimoramento, mas ao mesmo tempo, quando eu componho uma obra, eu conheço os pontos fortes e fracos dela, eu acho que eu sou um analista muito duro das minhas composições.

Já aconteceu de, durante a gravação de uma obra sua, você não gostar de algum trecho e alterar, ali mesmo?

Isso acontece. Quando gravei *Variações Villa-Lobos*, cheguei a fazer umas pequenas modificações que achei que poderia melhorar. É aquela coisa de burilar. A composição tem um estágio de acabamento bastante longo, eu acho. Eu tenho um negócio de compor muito, como um fluxo... Quando a idéia da composição me é clara eu faço rápido, sem rabisco em cima. Aí depois, é que tem um estágio de polir que pode ser mais lento. E, às vezes sobra alguma coisa que a gente vê na hora da gravação.

Já vi que é perfeccionista. E vaidoso, você é?

Eu acho que todos nós somos um pouco vaidosos, mas eu não sou muito. Inclusive não gosto da aura que existe em torno do artista. Eu acho que o músico tem que ser excelente no seu ofício, como um médico, e como o médico, tem que ter o domínio da sua arte que é um trabalho. Eu não crio uma imagem de um André fictício pra ser mais atraente... Eu sou o que eu sou.

Você é um músico bastante eclético que trafega por vários estilos musicais. Enxerga divisor entre o que se chama de música erudita e o que se chama de música popular?

Eu não enxergo um divisor. Eu enxergo uma tonelada de divisores, mas que são transponíveis se você tiver alma grande e amor por esses estilos. Eu acho que o que me faz unir, por exemplo, Nelson Cavaquinho e Monteverdi, apartados por 500 anos de história e por mais quantos mares, é eu gostar dos dois. Se você ama essa diversidade, você une pra fazer a sua música, né? Eu acho que existem estilos onde há erudição nítida e são gêneros que receberiam uma classificação

ENTREVISTA *Continuação...*

popular. No choro, por exemplo, existe uma textura polifônica e uma preocupação que é o que se associa à erudição, não é mesmo? Eu tenho uma história de assimilar as músicas sem o rótulo. Gosto de extrair a essência de cada estilo e criar diálogos. Antigamente não existia essa classificação de erudito e popular. Eu acho que Schubert era um músico muito popular nas suas canções. As suítes de Bach, então, são uma abstração sobre as danças da época. E os baixos contínuos e o canto? Alguns foram criados em cima de uma partitura popular - é uma cifra e uma melodia.

Então, quer dizer que sua música é uma só?

A minha música é uma só, não tenho múltiplas personalidades.

O que acha da música eletrônica?

Eu acho interessante desde que tenha uma idéia. Não acho a novidade da eletrônica em si, motivo suficiente para que a música seja boa. Muitas vezes fica esse apego ao som, puramente pelo inusitado, mas falta a idéia por trás. Stravinsky, por exemplo, era muito crítico da música eletrônica, ele falava que achava possibilidades muito amplas, mas que os resultados não eram à altura. Mas, eu acho que tem muita gente que trabalha divinamente com isso. Eu, dentro do meu ecletismo, já cheguei a fazer uma peça pra clarone e eletrônica, mas trabalhei diretamente no computador com os softwares que manipulam o áudio. Vou, porém continuar tocando piano... Não paro de achar novidades no instrumento (risos).

E a música brasileira, de modo geral, o que acha?

Digamos assim que é uma música que ainda vai gerar muitos grandes músicos. A impressão que tenho é que a música que vai sair do Brasil daqui pra frente vai nutrir o Velho Mundo de informações musicais, fazer o caminho inverso ao da caravela. Em algum momento, eu acho que o caldeirão étnico que existe no país, a forma saudável com que se trabalha o material da tradição - sem excesso de rigor, essa criatividade e disponibilidade de assimilar coisas que o brasileiro tem, mais um pouco de sol, tudo isso vai produzir muitas novidades musicais.

Quem, na sua opinião, seria um substituto para Villa-Lobos?

Não faço a menor idéia, porque Villa-Lobos é Villa-Lobos. Pode ter um outro compositor com o mesmo peso... A música muda muito, né? Talvez a gente tenha um outro músico atuante em outra área musical brasileira que venha a ter a

importância de Villa-Lobos, eu não sei. Eu tenho dificuldade de eleger o melhor e o sucessor de quem quer que seja. Pra mim os grandes músicos são insubstituíveis, todos.

Você respira música 24 horas por dia. É ou não?

É, mas eu não sou *nerd* (risos). Eu tenho como hobby a fotografia, que acho uma arte perfeita pros ansiosos como eu. Mas eu gosto e me interesso por muita coisa. O mundo é muito estimulante, me fascina. Eu saio, vou à feira, vou caminhar - eu moro no meio da natureza -, eu sou muito curioso com tudo, quero saber das coisas... Eu acho que isso nutre a diversidade da minha música, se eu me isolar, me fechar, de uma certa forma ela morre.

Quer dizer que nas horas vagas você não ouve música...

Eu escuto muita música sim, mas muitas vezes eu tenho um período longo de silêncio e de distância do piano também. Chego a ficar dias distante do piano.

Você ouve música a trabalho ou por prazer?

O ouvido é sempre muito crítico e analítico, né Regina, não tem como eu ouvir música só pra curtir. Não tenho isso. Eu tenho ouvido absoluto, então tudo aparece. A gente está no restaurante, e está tocando aquela musiquinha, não tem jeito, eu sei que está em Ré maior, o que é que está acontecendo harmonicamente... É um ouvido de uma certa forma profissional, né?

Qual é a vantagem e a desvantagem de ter ouvido absoluto? Como descobriu que tinha essa capacidade?

Descobri numa daquelas aulas de órgão em que a professora fez um teste cego e eu adivinhei alturas e acordes. Pelo entusiasmo dela com minha performance, percebi que aquilo era algo incomum. Acho que essa capacidade facilitou e catalisou meu aprendizado de música. A desvantagem é que não tem botão liga-desliga e, em não raras situações, eu trocava meu ouvido absoluto por um par de *earplugs!* (risos) Também não consigo ler uma partitura transpondo em tempo real. Isso dá um conflito de informações visuais e sonoras.

Como é sua relação com o palco? Fica nervoso? Tem algum ritual de preparação?

Não. Eu sou muito pouco místico com relação à apresentação. Eu não tenho, por exemplo, essa necessidade de isolamento que muitos têm. Eu posso passear numa feira e depois ir tocar e

muitas vezes isso até me estimula, entendeu? No palco, eu não me canso, não transpiro, nunca tive tosse, nem espirros, mesmo que eu estivesse tocando com 40 graus de febre. Uma semana antes da apresentação, eu posso ficar um pouco ansioso, mas eu cheguei num ponto de intimidade com a música, que na hora de entrar no palco eu estou tranquilo.

Você tem vindo várias vezes a Brasília, né? O que acha da cidade, em termos musicais?

Ainda não pude conhecer. Nem a Livraria MusiMed eu conhecia, e isso é muito grave! (risos). É que venho sempre correndo, mas me chegam informações de que é uma cidade que produz muitos músicos. Isso é uma beleza, é um sinal direto de que existe uma vida musical intensa, né? Eu toquei com o Hamilton de Holanda, que é um bandolinista daqui, um rapaz muito especial, um amigo querido. Acho muito bom poder voltar pra cá porque você cria um vínculo. As pessoas assistem a sua apresentação uma vez, depois voltam, e isso é muito bom.

Sua vida é muito corrida, não é? Como foi o ano de 2006?

Foi um ano de intensa atividade e produção. Além das apresentações, inclusive turnês, acabei de gravar um DVD com a Ná Ozzetti, participei com o meu trio do TIM Festival, e tive várias peças estreadas, entre elas o balé *Atmosferas*, que compus por encomenda da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, de quem fui nomeado compositor residente, e para a qual, vou escrever música regularmente durante o ano de 2007.

Então, o ano de 2007 também promete...

Também. Para o ano, gostaria de registrar algumas das minhas composições, gravar meu quinteto com o Quarteto da Cidade de São Paulo. Tenho uma sinfonia para grande orquestra que venceu o concurso Sinfonia pra Mário Covas, que nunca foi tocada... Eu já tenho um repertório orquestral que poderia fazer um CD, mas a gente sabe que viabilizar um projeto dessa magnitude não é simples. É um projeto que eu acho que é mais pra médio e longo prazo, na minha carreira.

Bem, gostaria de agradecer sua visita e a gentileza desta entrevista...

Imagina, eu que agradeço esta oportunidade. Vou tentar voltar aqui com mais tempo. Este é um lugar para passar um dia tomando café e vendo as partituras. Aqui a gente se sente em família no meio dessas notinhas. É a nossa alma que está aí. ■